

BIBLIOTECA DESAPARECIDA

Nanci LEONZO

Reviver, mais do que elucidar, os mistérios que, há séculos, cercam as bibliotecas da antigüidade, parece ter sido o propósito fundamental do estudioso italiano Luciano Canfora, o qual, elegendo como pano de fundo o que denomina como a "grande história", aquela onde ocupam espaços privilegiados personagens vinculados, de alguma maneira, ao poder, procura, com um forte apelo à imaginação, conduzir o seu leitor, por meio de pequenas histórias, até a lendária biblioteca de Alexandria, que acaba emprestando o seu nome a um texto bastante significativo no que tange à compreensão do mundo cultural helênico-romano.

Tais considerações tornam oportunas, senão imprescindíveis, algumas reflexões sobre a estrutura formal do texto apresentado, na medida em que esta reflete, com extrema coerência, a postura histórica do instigante Canfora. A divisão do livro, sem qualquer justificativa, em duas partes, e, sobretudo, a construção da primeira delas com uma narrativa que, sem deixar de ser erudita, resvala na ficção, são indícios concretos de que o autor tentou atingir um público leitor que ultrapassasse, com facilidade, o constituído por especialistas na matéria. Para este último, entretanto, reservou a segunda parte do volume, onde é feita uma exaustiva crítica das fontes disponíveis, em âmbito interdisciplinar, sobre antigas bibliotecas, dentre as quais destacou-se a de Alexandria.

Valorizamos, até então, a feliz conduta do estudioso que desejou ser lido não somente por seus pares. Resta enfatizar o fato de que tal atitude não trouxe nenhum prejuízo ao discurso histórico que passa da "grande" para as pequenas histórias particularizando, ao longo do vasto período estudado (séculos III A.c. a VII D. c.), a presença das obras de Aristóteles. E, se este ponto de inserção, que dá consistência teórica ao livro, está diluído na narrativa é porque por detrás do filólogo e do historiador da vida intelectual esconde-se um bom contador de histórias chamado Luciano Canfora.